

NÃO HÁ COMO ESQUECER O PAÍS DAS MARAVILHAS

# QUALQUER OUTRO LUGAR

A continuação de O LADO MAIS SOMBRIO  
e ATRÁS DO ESPELHO

A. G. HOWARD



## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Notas](#)

A. G. HOWARD

QUALQUER  
OUTRO LUGAR

Tradução  
Denise Tavares Gonçalves



Título original: *Ensnared*

Copyright © 2015 A.G. Howard

Publicado sob acordo com Lennart Sane Agency AB.

Copyright © 2016 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.



Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2016

Produção editorial: Equipe Novo Conceito

Preparação: Camila Fernandes

Revisão: Valquíria Della Pozza; Robson Falcheti Peixoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Howard, A. G.

Qualquer outro lugar / A. G.

Howard ; tradução Denise

Tavares Gonçalves. --  
Ribeirão Preto, SP : Novo  
Conceito Editora, 2016.

Título original: Ensnared  
ISBN 978-85-8163-829-4

1. Ficção norte-americana I.  
Título.

15-11231 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



**Novo Conceito**

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

[www.grupoeditorialnovoconceito.com.br](http://www.grupoeditorialnovoconceito.com.br)



*Para mamãe:*

*Sinto sua falta. Obrigada por me dar a coragem de voar bem alto e ir atrás de meus sonhos, e por ser o vento que impulsiona minhas asas.*





### *A Trupe Mística da Memória*

*Que pobre memória é essa que só trabalha para trás.*

— Lewis Carroll, *Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá*

Eu achava que lembranças eram algo que seria melhor deixar para trás... bolsões de tempo congelados que você poderia rever por seu valor sentimental, mas mais uma indulgência do que uma necessidade. Isso foi antes de eu perceber que as lembranças poderiam ser a chave para seguir adiante, para recuperar a fé e o futuro de todos que você mais ama e aprecia no mundo.

Estou diante da porta vermelha e brilhante de uma câmara particular no trem da memória. Na plaqueta removível dentro do suporte está gravado o nome *Thomas Gardner*.

— Uma formalidade desnecessária, visto que ele está aqui em carne e osso — disse o condutor, um besouro revestido de tapete quase do meu tamanho, quando pedi a plaqueta. Lancei-lhe um olhar raivoso e insisti que ele fizesse o que eu queria.

Agora, ao pressionar a testa com força contra a moldura de latão, permitindo que o metal esfrie minha pele, penso no nome de papai e em como ele significa mais do que eu jamais imaginei... como *ele próprio* é mais do que eu poderia ter sonhado.

Quase o segui para dentro da sala quando chegamos. Ele estava tremendo tanto, mesmo antes de aterrissarmos em Londres.

Por que não estaria? Encolhido até ficar do tamanho de um inseto e cruzando o

oceano montado em uma borboleta-monarca. Ainda posso sentir o gostinho de sal no ar. De madrugada, quando papai começou a aceitar que estávamos realmente voando em borboletas, escorregamos por um buraco na base de uma enorme ponte de ferro e aterrissamos ao lado de um trem de brinquedo enferrujado dentro de um túnel subterrâneo. O fato de estarmos pequenos o bastante para entrar no trem fez papai arregalar tanto os olhos que achei que iam saltar das órbitas.

Eu quero protegê-lo, mas ele não é fraco. Não vou tratá-lo como se fosse. Não mais.

Ele tinha nove anos — somente dois anos mais do que Alice tinha — quando entrou sem querer no País das Maravilhas e caiu na armadilha de uma aranha zeladora de túmulos, mas, de alguma maneira, sobreviveu. É melhor que ele encare suas memórias sozinho. De outro modo, poderia tentar me proteger. E eu não preciso de proteção mais do que ele.

Precisei enlouquecer para ver melhor as coisas. Se meu pai também precisar passar por isso, que assim seja.

Meus dedos tremem enquanto contornam as letras: *F-h-o-m-a-s*. Papai conhecerá seu verdadeiro nome hoje, não o nome que mamãe lhe deu. Todas as revelações, toda a monstrosidade que ele viveu quando criança, essas experiências nos levarão para Qualquer Outro Lugar — o mundo do espelho onde os exilados do País das Maravilhas ficam presos. Ele é coberto por uma cúpula de ferro, mantendo-os prisioneiros e, de alguma forma, distorcendo sua magia, caso eles a usem lá dentro. Cavaleiros da Vermelha e da Branca montam guarda nos dois portões de Qualquer Outro Lugar.

Meus dois cavaleiros, Jeb e Morfeu, estão aprisionados lá. Já se passou um mês desde que eles foram sugados por aquele lugar. Quero acreditar que ainda estejam vivos.

Tenho de acreditar.

E ainda tem a mamãe, isolada em um País das Maravilhas em desintegração, refém da mesma malévola criatura aracnídea que um dia manteve papai cativo em sua teia. A toca do coelho, o portal para o reino interior, foi destruída por mim. E agora Qualquer Outro Lugar é a única porta de entrada.

Estamos em uma missão de resgate, e a memória de papai é a chave de tudo.

Arrasto os pés enlameados pelo piso de azulejos vermelhos e pretos, dirigindo-me para a frente do vagão de passageiros. Meus músculos doem de pilotar uma monarca por vinte e quatro horas. Teria levado muito mais tempo se não tivéssemos sido carregados por uma tempestade e levantados milhares de metros no ar, cobrindo centenas de quilômetros em questão de minutos — uma viagem maluca que papai e eu não vamos esquecer tão cedo.

Meu cabelo cai sobre os ombros em um emaranhado loiro platinado lavado pela chuva. Os nós combinam bem, pois é assim que me sinto por dentro:

caótica, mas exaurida. A metade intraterrena de meu coração se expande para se libertar das emoções humanas nele enredadas. Não haverá trégua até eu encontrar meus amados e consertar as coisas no País das Maravilhas.

Ainda assim, sei que nenhum de nós voltará a ser o mesmo.

Meia dúzia de criaturas esquisitas ocupa os bancos de vinil branco. Elas não estão aguardando para recuperar suas memórias. Estão aqui porque também ficaram isoladas. Desde que a toca do coelho foi destruída, elas não têm como voltar para o País das Maravilhas, seu lar.

Uma das criaturas é humanoide e pálida, com cabeça em forma de cone cujo crânio se abre esporadicamente para que ela possa discutir com uma versão menor de si mesma. Depois, a versão pequena do crânio se abre e revela uma imagem ainda mais pequenina. A menor é um macho de nariz grande. Ele bate em suas sócias fêmeas com um diminuto rolo de macarrão e em seguida volta a se esconder. É como assistir a uma versão pesada de *Punch e Judy*, uma peça de fantoches que estudei na aula de teatro da escola.

Dois outros passageiros são duendes, e eu me pergunto se fizeram parte do grupo que encontrei ano passado no cemitério do País das Maravilhas. Ficam diferentes sem os capacetes de mineiro: cabeças calvas e escamosas com tufos de cabelos grisalhos. Uma sacola plástica farfalha entre eles, enquanto se revezam para atirar amendoins na criatura com cabeça de cone, provocando mais discussão.

A cauda longa dos duendes se debate e sua cara de macaco-aranha se retorce em expressões diligentes quando meu olhar encontra o deles. Eles não têm pupilas nem íris, e as pálpebras piscam na vertical, como cortinas de teatro.

Sussurram algo um ao outro enquanto eu cubro o nariz com a mão para conter o fedor de carne podre que exsuda em forma de lodo prateado de sua pele.

— Alice, pelinpeguaperupeda cinpetilante — um deles diz em voz profunda quando eu chego mais perto. — Peno peperpedipeda opsta pevez?

O dialeto é uma mistura estranha da língua do P com outras tolices. Ele quer saber se estou perdida desta vez.

— Não pé Alice, pestúpipedo — o outro interrompe antes que eu possa responder. — E aqui só petem pepensadores e omentsmaus.

Eu continuo andando pelo corredor, absorvida demais em meus problemas para me envolver.

O besouro condutor rabisca alguma coisa em uma prancheta enquanto conversa com os últimos três passageiros. Estes são redondos e fofos, com os olhos presos a hastes altas e felpudas que mais parecem orelhas de coelho do que globos oculares. Eles observam quando eu passo, as pupilas dilatando-se a cada rotação de suas orelhas.

O mais gordo espirra em resposta a uma pergunta do condutor, e uma nuvem

de poeira levanta-se de sua pele.

— Malditos coelhos de poeira — o besouro resmunga, e puxa um aspirador de pó de um coldre na cintura, usando-o para sugar a poeira da própria pele de tapete.

Eu me acomodo em uma fileira na frente e me debruço sobre uma janela, esperando o condutor. Ele ficou de verificar uma coisa — as memórias perdidas que preciso ver. Elas não são minhas. Vou espionar os momentos que faltam na vida de outra pessoa.

Mamãe sentiu-se culpada por visitar as memórias perdidas de papai sem ele saber. O bom senso dela me faz ter cautela. No entanto, a pessoa cuja mente violarei não merece meu respeito. Ela é cruel e vingativa. Quase roubou meu corpo e conseguiu destruir minha vida e a maior parte das paisagens do País das Maravilhas.

Morfeu sempre diz que todos têm uma fraqueza. Se ele estivesse aqui, me diria para descobrir a dela, para que, quando encontrá-la novamente, eu possa esmagá-la.

E pretendo fazer justamente isso.

O aspirador do besouro zune, abafando a discussão, os espirros e a gritaria à minha volta. Recosto-me e olho para os lustres feitos de vaga-lumes — cada um tem metade do tamanho do meu braço — amarrados juntos por tiras e correntes de latão. Os insetos luminosos voam para cima e para baixo, pincelando com luz amarela as paredes de veludo vermelho. Inclino a cabeça e olho pela janela. Mais peças feitas de vaga-lumes iluminam a escuridão, rolando pelo teto do túnel como refulgentes rodas-gigantes.

Resisto a um bocejo. Estou exausta, mas ligada demais para fechar os olhos. Parece que não consigo permanecer em nenhum tempo e espaço. Ainda ontem eu estava sentada a uma mesa no ensolarado pátio do sanatório, tentando enganar meu pai e fazê-lo comer um cogumelo que o encolheria. Parece que isso aconteceu há uma eternidade, mas faz mais tempo ainda que abracei mamãe pela última vez... discuti com Morfeu... e beijei Jeb. Sinto saudade do cheiro de mamãe depois que ela trabalha no jardim — de terra mexida e flores. Sinto saudade do modo como as joias nos olhos de Morfeu volteiam por um arco-íris de emoções quando ele me desafia, e da expressão concentrada de Jeb quando ele pintava.

As mínimas coisas, que sempre tomei como naturais, tornaram-se preciosos tesouros.

Meu estômago ronca. Papai e eu não tomamos café da manhã, e meu corpo já me diz que é hora de almoçar. Enfio a mão no avental amarrado sobre a camisola de hospital dura de lama e rolo os cogumelos que sobram entre os dedos. Estou com fome o bastante para pensar em comê-los, mas não farei isso. A magia dentro deles, que nos tornou pequenos o suficiente para voar em borboletas, nos tornará grandes novamente depois que terminarmos aqui. Preciso

conservá-los.

Meu perfil é refletido no vidro da janela: camisola azul, avental branco, cabelo loiro embaraçado com uma mecha carmim de um lado.

O primeiro duende tinha razão. Eu sou o epitome de Alice.

Uma Alice de pesadelo.

Uma Alice que enlouqueceu, que tem sede de sangue.

Quando eu encontrar a Rainha Vermelha, ela vai *implorar* para que eu só corte sua cabeça.

Rio dessa ironia e fico quieta quando o besouro desliga o aspirador. Ele ajeita o chapéu de condutor e vem claudicando sobre duas de suas seis pernas finas. Os outros dois pares servem de braços e aninham uma prancheta.

— E então? — pergunto, olhando para ele.

— Encontrei três memórias. De muito tempo atrás, quando ela era jovem e solteira. Antes de ser — ele olha em volta e abaixa a voz, sussurrando — *rainha*.

— Perfeito — respondo. Começo a me levantar, mas volto a sentar no banco quando ele empurra meu ombro com seu braço espinhento.

— Primeiro você destrói a única passagem de volta para o País das Maravilhas, me transformando em babá de coelhos empoeirados e duendes fedidos. Agora quer que eu arrisque minha vida lhe mostrando... — ele estuda os passageiros atrás de mim com as mandíbulas cruzadas tremendo — *as memórias particulares dela*. — Seu sussurro é acompanhado de uma série de cliques, como o estalar de dedos.

Eu ranjo os dentes.

— Desde quando os intraterrenos respeitam a privacidade de alguém? Isso não faz parte de seu código de ética. Na verdade, a maioria de vocês nem sabe o que é ética.

— Eu sei tudo o que preciso saber. E sei que aquela lá não perdoa. — Ele evita falar o nome dela, mantendo-a anônima.

Sigo seu exemplo.

— Ela nunca vai saber que você me mostrou.

O condutor vira páginas na prancheta e rabisca alguma coisa com sua caneta, enrolando.

— Há outro motivo para preocupação — ele diz, mais alto desta vez. — As memórias são repudiadas.

— O que quer dizer isso?

— Ela não foi forçada a esquecer. Ela *escolheu* esquecer. Tomou uma poção de esquecimento.

— Melhor ainda — eu falo. — Ela tem medo delas por alguma razão. É aí que eu levo vantagem.

Os estalidos crescem conforme suas mandíbulas tremem mais.

— Idealmente, você poderia usá-las como armas. Memórias repudiadas são maculadas, marcadas por magia emocional volátil. Elas querem vingança contra quem as criou e as repudiou. Mas você teria que levá-las até ela, mantendo-as adormecidas em sua cabeça. Sendo mestiça, você não tem força suficiente.

Eu me irrito com a condescendência.

— Os mortais têm sua própria maneira de manter as memórias adormecidas. Eles anotam, para que o passado não preocupe seus pensamentos. Eu só preciso de um diário.

Ele segura a caneta bem perto de meu nariz.

— Isso não vai funcionar com memórias encantadas, a menos que seu caderno esteja cheio de papel encantado para retê-las. Infelizmente, nunca ouvi falar de um diário assim. E você?

Eu o encaro em silêncio.

— Eu achava que não, mesmo. — O besouro bate em meu nariz com a ponta da caneta.

Rindo com desdém, arrebatou a caneta e a meto no bolso, desafiando-o a pegá-la de volta.

— Bobinha. Quando as memórias repudiadas se aninham em uma mente, são como aquelas músicas que ouvimos uma vez e não saem da cabeça, voltando sem parar a um grau que chega a ser doloroso. Na melhor das hipóteses, elas fazem com que você simpatize com sua presa e não tenha forças para enfrentá-la. Na pior das hipóteses, você é levada à loucura. Está disposta a arriscar tamanha perda?

Deslizo as mãos sobre meus joelhos dobrados e em seguida enfio o excesso de tecido da camisola hospitalar sob os quadris. Não importa como seja terrível imaginar as memórias hostis de alguém devorando minha mente. Descobrir as fraquezas da Vermelha é a única maneira de derrotá-la.

— Eu já perdi tudo e já enlouqueci. — Encaro seus olhos bulbosos. — Quer uma demonstração?

Múltiplas pálpebras movem-se em seus olhos compostos. Insetos não têm pálpebras nem cílios, mas este não é um inseto normal. É um inseto do espelho, ou rejeitado, dependendo da terminologia que você escolher: a de Carroll ou a do besouro-tapete.

O besouro foi engolido pela madeira tulgey e foi parar no portão de Qualquer Outro Lugar. Então ele foi cuspidado de volta para cá como mutante. Exatamente o que quase aconteceu com Jeb e Morfeu. Por sorte, eles foram aceitos no mundo

do espelho, embora pensar neles sozinhos lá me eleve a um novo nível de horror. Morfeu não será capaz de usar sua magia por causa da cúpula de ferro, e Jeb é somente humano. Como eles poderão ter alguma chance em uma terra de assassinos intraterrenos exilados?

Um grito mudo de frustração queima meus pulmões.

Abaixo a voz para que somente o condutor possa ouvir.

— Eu costumava colecionar insetos. Eu os prendia com alfinetes em quadros de cortiça. Eles cobriam todas as paredes do quarto. Eu estava pensando em voltar a fazer isso. Talvez você queira ser minha primeira peça.

O condutor faz uma careta ou franze o cenho — é difícil dizer com todos aqueles traços se movimentando. Ele faz um gesto indicando o corredor.

— Por favor, madame.

Dirigimo-nos para as câmaras particulares. Duas portas adiante da sala de papai, o besouro para, olha para trás para se certificar de que não fomos seguidos e insere uma plaqueta com um nome no suporte: *Rainha Vermelha*.

Os botões de minhas asas coçam, querendo libertar-se. Uma torrente de magia e ódio ferve logo abaixo da minha pele. Pronta, aguardando.

O condutor começa a destrancar a porta, mas se detém.

— Certa vez compareci a uma festa no jardim do palácio dela. — Ele volta a sussurrar. — Eu a vi tirar a pele do amigo do Camundongo... aquela lebre.

Eu me contraio, lembrando-me da primeira vez que vi a lebre durante o chá da tarde, um ano atrás, e de como ela parecia estar do avesso.

— O Lebre Careca? Foi a Vermelha que o escalpelou?

O besouro balança a cabeça freneticamente, confirmando, e seu boné quase cai.

— Ela o pegou mordiscando as pétalas das rosas. Elas eram um presente e tinham sido plantadas para homenagear o pai dela. Mas mesmo assim. Ela usou uma enxada como se fosse um descascador de legumes... esfolando a pele dele. O sangue jorrou sobre os convidados. Estragou a melhor roupa de todos, e todas as margaridas. Já ouviu um coelho gritar? Não se esquece um som como aquele.

Eu estudo as pálpebras piscantes do inseto. Ele está perdendo a coragem. Compreendo, pois eu mesma fui vítima da violência da Vermelha. Ela certa vez usou minhas veias como cordões de marionete — a experiência física mais excruciante de minha vida. Ela até deixou uma marca no meu coração... que ainda posso sentir, uma pressão diferente.

Ultimamente, tem sido mais do que uma pressão. Desde aquela maldada noite em que tudo deu errado no baile de formatura, quando aceitei minha loucura, a pressão em meu coração progrediu para uma pontada de dor recorrente, como se algo dentro de mim estivesse lentamente se desenrolando.

Não contei nada a papai. Estava ocupada exercitando minha magia, formulando meu plano. Meus entes queridos precisam que eu vença esta batalha, que eu seja mais forte do que a Vermelha de uma vez por todas.

Não posso me dar ao luxo de marcar uma consulta médica. E não adiantaria. Seja o que for, o que tenho foi causado pela magia. A magia da Vermelha. Sinto isso em minhas entranhas. E vou fazê-la consertar isso antes de acabar com a existência dela para sempre.

Mais determinada do que antes, tento pegar a chave que está na mão do condutor.

Ele a enfia debaixo do chapéu e em seguida começa a brincar com a plaqueta, tentando tirá-la do suporte.

— Mudei de ideia — ele diz entre estalos das mandíbulas. — Um inseto faz isso de vez em quando.

— Não. — Eu seguro seu braço, que mais parece um graveto. Seria fácil quebrá-lo. Uma tentação atravessa meus pensamentos, desafiando-me a ser cruel, mas eu me afasto e coloco a palma da mão sobre o peito, jurando: — Eu juro, pela magia da minha vida, que nunca direi que foi você que me mostrou.

— É melhor você sentar e esperar seu pai — o condutor sugere. Mexendo desajeitadamente no trapo que cobre seu tórax, ele tira um pacote de amendoim e o entrega a mim. — Você deve estar com fome depois da viagem. Vá almoçar.

— Não saio daqui até ver as memórias dela, *inseto de tapete*. — Jogo o pacote no chão e apoio as costas na porta, bloqueando a plaqueta.

O besouro faz um som regurgitado de raiva.

— Não importa se meu corpo é feito de tapetes. Minha cabeça funciona tão bem quanto a sua.

— É óbvio que não. Você esqueceu o que Morfeu disse. Eu faço parte da realeza.

— Ah, mas Morfeu não está aqui agora, está?

Esforço-me para pensar em uma réplica, mas a lembrança do motivo de Morfeu não estar aqui me deixa imóvel, tornando minha língua inútil — um naco de carne congelada.

— Você nada mais é do que uma *chateação* real — o condutor retruca. — Tem consciência de que estamos sob uma ponte de ferro? A magia dos intraterrenos é limitada aqui. É por isso que guardamos as lembranças perdidas neste lugar: para mantê-las seguras. Então você não pode me forçar a fazer nada. E não serei esmagado sob o polegar da Rainha Vermelha por uma mesticinha esquelética e inútil.

O pulsar do orgulho me invade, descongelando minha língua.

— Você deveria se preocupar mais em ficar preso do que em ser esmagado.

Invoco os lustres de vaga-lumes acima de mim, visualizando-os como uma enorme água-viva de metal. As correntes chacoalham e os parafusos se soltam do teto. As cintas se abrem, libertando os vaga-lumes presos. Excitados com a liberdade, os insetos cintilantes quicam e voam em espiral dentro do vagão, feito uma demonstração de asteroides em um planetário. Os outros passageiros, aos guinchos, enfiam-se debaixo dos bancos.

Uivando, o condutor tenta se afastar conforme as geringonças voam na nossa direção — com os tentáculos metálicos impulsionando-as em um espetáculo gracioso, mas perturbador. Eu me agacho e as correntes acertam o inseto, derrubando seu chapéu e atirando-o contra a parede. Os parafusos voltam ao lugar e formam uma enorme rede de metal. Ele fica preso lá dentro, tão alto que as pernas ficam suspensas no ar.

Os vaga-lumes pairam no ar, lançando um brilho suave.

Cerrando os dentes, fisgo a chave de dentro do chapéu que caiu do condutor e está ao lado do pacote de amendoim.

— Tem uma nova rainha na cidade. — Olho para ele. — E, *por causa* do meu sangue meio humano, minha magia não é afetada pelo ferro. Então a Vermelha não leva vantagem sobre mim. — Dirijo-me à porta da Rainha Vermelha.

— Espere — o besouro implora. — Perdoe minha impertinência, Majestade. A senhora tem toda a razão. Mas eu sou o condutor. Devo proteger as reservas de lembranças perdidas dos passageiros clandestinos. Tire-me daqui, eu imploro!

Giro sobre o calcanhar para encarar os outros. Eles espiam de debaixo dos bancos — os olhos saltados, a cauda encolhida, os pelos eriçados —, espirrando e tremendo de medo.

O condutor choraminga enquanto joga para ele o pacote de amendoim, que fica preso em uma das correntes perto de seus braços esquerdos.

— Ele está em horário de almoço — digo aos passageiros. — Qualquer um que sair do seu assento, por qualquer motivo, terá que se ver comigo. Estamos entendidos?

Os clandestinos respondem com um balançar de cabeça coletivo e se acomodam cuidadosamente nos bancos. Um começo de satisfação se desdobra dentro de mim.

Sorrindo, enfio a chave na fechadura e abro a porta que leva ao passado de minha inimiga.



### *Descendo*

No momento em que fecho a porta atrás de mim, toda a minha confiança fraqueja.

A sala é pequena e não tem janelas. Uma tapeçaria de cor marfim cobre uma espreguiçadeira, e um abajur alto está ao lado dela, lançando uma luz tênue sobre o chão quadriculado.

Um aroma de amêndoas vem dos biscoitos de luar que parecem sempre estar aguardando em uma travessa. Por mais fome que eu tenha, não consigo comê-los. Tudo é muito doloroso e familiar aqui dentro.

Eu abracei Jeb e mamãe neste lugar, sentindo seu amor quando retribuíram o abraço. Meus braços doem de saudade. Na parede oposta, cortinas de veludo vermelho à espera de serem abertas para revelar pedaços do passado. Eu conheci a história de amor de meus pais neste trem e assisti às lembranças de Jeb também. Entrei na cabeça deles e senti suas emoções como se fossem minhas.

Senti a mudança de atitude de mamãe quando ela abdicou da coroa de rubis para dar a meu pai uma chance na vida... vi até Morfeu ajudando-a, carregando meu pai pelo portal até o reino humano, embora fazer isso fosse pôr todos os seus metuculosos planos em risco. Vivenciei a nobreza e a coragem de Jeb quando ele deu as costas para o seu futuro para que eu pudesse ter um.

Tantos sacrifícios conduziram a este momento. Eu faria qualquer coisa para reverter o relógio e consertar tudo. Mas este momento é impiedoso.

*“Momento. Você não terá essas restrições no País das Maravilhas. Permita-se ver o lado bom. Agora, recomponha-se. Temos que nos preparar para a Vermelha.”* Essas foram as palavras de Morfeu na noite do baile de formatura,

poucas horas antes de tudo desmoronar. A mensagem tem tanta ressonância que parece estar conectada à minha mente; mas isso é impossível, com a cúpula de ferro que nos separa. Mesmo assim, faz sentido que essa percepção ecoe por minha alma quando estou nos limites da insegurança, considerando-se que ele é o guardião da sabedoria do País das Maravilhas, o depositário de todas as coisas loucas e ousadas.

Jeb é uma âncora; ele me mantém conectada à minha humanidade e compaixão. Mas Morfeu é o vento; mesmo me debatendo e gritando, ele me arrasta para o precipício mais alto, me empurra e fica me observando voar com asas de intraterrena. Quando Jeb está ao meu lado, o mundo é um quadro — imaculado e acolhedor; quando estou com Morfeu, é um playground insano — malévolo e viciante.

Cada um deles ocupa um lado diferente de meu coração duplo. Juntos, eles fazem uma ponte entre meu mundo intraterreno e meu mundo humano. O que devo fazer com esse conhecimento, não sei ao certo. E, a menos que meu pai saia daquela sala com suas memórias intactas, talvez nunca tenha a oportunidade de saber.

Lágrimas me queimam os olhos pela primeira vez em semanas. Acabei ficando boa em esconder o desespero. Fazia parte da minha encenação de louca para o sanatório — parecer distante e isolada. Mas isso está muito longe do que sinto agora.

Recusando-me a chorar, levanto o queixo. Morfeu diria que sou uma rainha, e rainhas não choram. E Jeb diria: *“Você vai dar conta, menina do skate”*.

Os dois têm razão.

Giro o controle na parede para diminuir a luz. As cortinas do palco se abrem, revelando uma tela de cinema. “Imagine o rosto dela enquanto olha para a tela vazia” — eu imito as instruções dadas pelo condutor da última vez que estive aqui — “e vivenciará o passado dela como se fosse o dia de hoje”.

Fico surpresa ao perceber como é fácil recordar as imagens da Vermelha nos desenhos do livro *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* de mamãe. Antes de a pequena Alice cair na toca do coelho, antes de o mundo da rainha ser arruinado por um marido infiel... antes de ela ser traída por seu rei. No tempo em que a Vermelha era somente uma princesa.

A tela se ilumina e eu explodo em mil pedaços que se reúnem na tela dentro do corpo e do ponto de vista da Vermelha.

Ela é pequena e jovem, talvez tenha uns dez anos humanos. Embora as crianças sejam diferentes no reino interior — mais inteligentes e cínicas, e lhes falem inocência e imaginação. Sua respiração é arfante e ela corre atrás de um bando de duendes. Eles estão arrastando um cadáver enrolado em veludo vermelho. Os duendes só param quando adentram os portões do cemitério, seguros dentro dos jardins cobertos.

— Esperem! Tragam-na de volta! — grita a Vermelha.

*Ela quase tropeça em seu vestido, mas abre as asas e se ergue do chão. Aterrissa diante do portão no momento em que ele se fecha. Parada lá, sozinha, ela espia por entre as grades. A Irmã Um sai correndo de seu labirinto de arbustos com as oito pernas chutando a barra da saia. O torso humanoide da guardiã do jardim inclina se sobre a mãe da Vermelha e persuade o espírito a sair do corpo. Ele se debate, erguendo-se do cadáver feito um ramo fluorescente.*

*A Irmã Um enrola o espírito em seu pulso e manda os duendes saírem com o corpo vazio.*

— Não, a senhora não pode ficar com ela! — grita a Vermelha com um peso tão grande no peito que até respirar dói. O fedor de bolor e folhas queimadas faz arder seu nariz. Ela nunca chegou tão perto do jardim das almas, e cresceu ouvindo histórias sobre as guardiãs e o lugar. Mas lendas sobre mãos de tesoura e invasores reduzidos a fiapos sangrentos não podem assustá-la hoje. Não com sua mãe sendo levada para sempre.

*A Irmã Um fica olhando de dentro do portão, franzindo a cara.*

— Aqui é terreno sagrado, pequena rainha. Se estiver planejando alguma coisa, é bobagem. Você não tem aqui o poder de que usufruí em seu reino.

*A Vermelha faz uma carranca. Seu corpo inteiro brilha em carmim enquanto ela se concentra no cabelo da mulher-aranha. Os fios, tremeluzentes e finos como aparas de lápis, pairam no ar em torno de seu rosto de jardineira com uma brisa, mas a magia da Vermelha não surte efeito.*

*A Vermelha olha para a cerca alta e para os ramos espinhosos que avançam sobre a amplidão dos jardins do cemitério, como um telhado. Não há forma de quebrar essas defesas.*

*A Irmã Um sorri desdenhosamente.*

— Seria um erro tentar encontrar uma brecha, princesinha, a menos que deseje conhecer minha irmã pessoalmente. Ela tem o dom de fazer confete com pestinhas delicadas que nem você.

*Um arripio percorre a espinha da Vermelha até a ponta das asas.*

*Com um último olhar para a Vermelha, a Irmã Um enrola o espírito lamuriendo e brilhante nos dedos. Com um movimento rápido de saias e pernas de aranha, ela desaparece no labirinto de folhagens.*

*Chega o pai da Vermelha, o rei, com o rosto vermelho de tentar alcançar sua filha.*

— Qual é a vantagem em ser imortal — pergunta a Vermelha com o nariz enfiado no portão e frio do contato com o metal — se não podemos ficar juntos eternamente?

— A imortalidade significa somente que você atinge um ponto e para de envelhecer... e seu espírito nunca morre — ele responde ofegante. Aperta o ombro

dela. — Mas o corpo é vulnerável a algumas coisas e pode ser deixado, pois é uma casca.

Os braços e pernas da Vermelha ficam entorpecidos. Seu próprio corpo parece uma casca. Vazia e quebradiça, como se pudesse ser levada pela primeira lufada de vento.

Ela se agarra às barras, procurando manter-se de pé.

— Mas por que não podemos enterrá-la no chão, entre as begônias e as margaridas, no pátio de nosso palácio, como fazem os humanos? Se ela vivesse no meio das flores, poderíamos visitá-la todos os dias.

Seu pai franze a testa, como se estivesse pensando.

— Você sabe que nossos espíritos precisam de sonhos para saciá-los, para impedir que fiquem inquietos... e possuam corpos vivos. Somente as Irmãs Twid podem encontrar e fornecer essas coisas.

— Sonhos. — A Vermelha funga. — Um dia, vou trazer sonhos para nossa espécie, pai. Eles serão abundantes em todo lugar, não só no cemitério. Um dia, vou libertar os espíritos para que possam dormir em nossos jardins, roçando nossas janelas à noite e tropeçando em nossos pés de dia. Vou trazer imaginação ao nosso mundo para que todos possam sempre estar com aqueles que amam.

Ele dá tapinhas na cabeça dela, um gesto terno que quase preenche o imenso vazio em seu peito.

— Isso faria de você a rainha mais adorada de todos os tempos, meu botão de rosa. Mas, até lá, devemos seguir as mesmas regras que todos os demais. Não podemos abusar de nosso poder e status nem colocar nossos súditos em perigo. Não importa quanto a amemos. — Ele seca os olhos com um lenço. — Compreende?

A Vermelha, com um gesto de cabeça, diz que sim.

A cena se embaralha e some. Sou arrastada para fora da memória e jogada em meu assento, acolhida pela escuridão à minha volta. Uma sensação de batida faz meu crânio balançar, como um soco vindo de dentro. Pressiono as mãos contra as têmporas até parar.

Deve ser a memória repudiada aninhando-se no meu crânio, porque eu não senti nada disso da última vez que estive aqui.

A tela se acende novamente. Um arco-íris vívido invade a sala e me joga de volta para o palco. Meus ossos se acomodam aos da Vermelha e minha pele se adapta à dela.

Ela está uns seis anos mais velha. Seu pai desposou uma viúva intraterrena depois da morte da mãe, para que a Corte Vermelha tivesse uma rainha para regê-la até que a Vermelha tivesse idade suficiente. Contudo, daqui a alguns meses, a Vermelha será coroada e a magia da coroa correrá em seu sangue...

*A Vermelha se esconde atrás de alguns arbustos no jardim do pátio do castelo. As zínias com listras púrpura murcham com o ódio que pinga dela quando espiona seu pai e sua meia-irmã, mais nova. Grenadine é filha do primeiro casamento da nova rainha e provou ser uma pedra no sapato da Vermelha.*

*Não basta que seu cabelo esvoace com o brilho de rubis e seus olhos cor de prata dancem sob cílios grossos de lavanda. Ela vive distraída — uma lousa em branco aguardando que alguém escreva nela. Sua fragilidade e dependência oferecem uma distração para o coração entristecido do rei, algo que a força e independência da Vermelha não conseguem fazer.*

*O rei inclina-se para mostrar a Grenadine, pela centésima vez, como se joga croqué, já a tendo lembrado, pela milésima vez, de que ele é seu novo pai. Ele aponta os aros de metal em formato de U que formam um losango no chão. Estacas cor-de-rosa e cinza marcam cada final, e dois jogos de bolas aguardam em uma caixa revestida de cetim.*

*— Nós seguimos o circuito de aros — o rei diz gentilmente. — Minha cor vermelha contra a sua cor prata. O primeiro lado que conseguir passar as bolas pelos aros na ordem e atingir a marca vence.*

*Grenadine balança a cabeça, com seus cachos rubros roçando os ombros.*

*— O que é uma marca mesmo?*

*— A estaca no final da pista.*

*— E um aro... é isto? — Grenadine levanta um ser mágico com pescoço de flamingo cujo corpo foi enrijecido magicamente no formato de um bastão de hóquei. As plumas rosadas se eriçam, como se tivesse ficado ofendido com a troca de nomes.*

*— Isso é um taco, querida. Os aros são as argolas que atravessamos com nossas bolas.*

*As covinhas de Grenadine aparecem, como sempre o fazem quando ela está desorientada.*

*— Oh, pai, eu simplesmente não consigo lembrar.*

*Ele sorri, encantado com sua graça insensata.*

*— Creio que descobri uma maneira de driblar isso. Senhor Bill? — Ele acena para alguém.*

*Bill, o Lagarto — um réptil intraterreno com a habilidade de escrever sem tinta —, surge e faz uma mesura. Seu fraque e suas calças vermelhas tornam-se verde-folha, combinando de modo tão convincente com o arbusto ao seu lado que ele parece uma cabeça decapitada e mãos cheias de garras em pleno ar.*

*Grenadine retribui a reverência.*

*— Prazer em conhecê-lo, senhor.*

*O lagarto sorri, encantado com sua doçura, como todos.*

— O Senhor Bill é o estenógrafo da Corte Vermelha. Ele tem a habilidade de comer sussurros — o rei explica. — E, depois, ele pode anotá-los em qualquer superfície, onde ficarão colados para sempre, como murmúrios silenciosos, para que possam ser ouvidos e não vistos. Sussurre algo de que deseje lembrar-se.

Grenadine murmura as regras do croqué que acabou de ouvir.

As mandíbulas camaleônicas de Bill rangem e sua língua estala em pleno ar, capturando o eco do sussurro dela. Os olhos bulbosos giram em diferentes direções e ele engole um caroço bem grande. Em seguida, tira do bolso uma fita de veludo e escreve sobre ela com a ponta do dedo com garra.

Piscando, ele entrega a fita vermelha ao rei.

— Escute — o rei diz, levando-a ao ouvido de Grenadine.

Ela espera, e depois explode numa gargalhada de bochechas rosadas.

— São as regras sussurradas!

O rei amarra a fita no dedo mindinho dela.

— Agora você nunca vai esquecê-las. Pedi ao Senhor Bill que seja seu consultor real particular. Ele vai fazer fitas encantadas durante o tempo que você precisar.

Grenadine enruga o nariz.

— Bill? Creio que não conheço essa pessoa.

O rei dá risada.

— É claro que conhece. Ele está bem aqui.

Bill, o Lagarto, faz mais uma mesura.

Cansada do espetáculo, a Vermelha se concentra na fita amarrada no dedinho da irmã. De seu corpo emana um brilho carmim enquanto sua magia desata a fita. A tira de veludo voa de Grenadine e vai pousar na palma da mão da Vermelha. Ela sai do esconderijo.

O rei enrubesce. Ele dispensa Bill, mandando-o para dentro do palácio com Grenadine para que possam dar vida a mais sussurros.

— Por que fez isso? — o pai da Vermelha pergunta, tentando pegar a fita roubada.

A Vermelha a aperta entre os dedos.

— Talvez eu deva nomear Bill para fazer fitas para o senhor, para que se recorde de que tem outra filha. Com quem nunca fica.

O rei olha para os sapatos vermelhos.

— Fitas não ajudariam. Porque eu não esqueci.

O queixo da Vermelha fica rijo.

— Ela nem é sua filha! Eu sou, de sangue.

— Sim, meu botão de rosa. E a cada dia você se parece mais com sua mãe. E a cada dia volto a sentir a dor de ter sido afastado dela. Você tem mais coragem do que eu.

— E é por isso que serei rainha — declara a Vermelha, tentando endurecer o coração.

— Sim, porque você aceita as coisas que a fazem se recordar dela. Você toma chá com cinzas, para recordar como ela a acalentava quando você ainda era bebê. Você pede que o cozinheiro faça as tortas de Tumtum, as favoritas dela, para poder lembrar que vocês as comeram juntas. E cantarola as músicas dela.

A Vermelha não responde.

— Por favor, compreenda, amada filha. Eu só a evito para não arrastá-la comigo. Você é importante demais para o reino e não posso atrapalhá-la. Então, observo de longe. Sou um homem de sorte por ter uma filha que cresceu e se tornou uma mulher tão forte.

A Vermelha zomba dos elogios vazios.

— Quem tem sorte é Grenadine. Porque ela não tem memória. Ela pode esquecer qualquer regra que confinaria suas ações, apagar qualquer erro que minaria sua confiança, relegar qualquer tristeza que a impediria de amar. Ela não tem padrões que regulem sua vida. Ela é imune, por suas próprias limitações, a tudo o que poderia restringi-la. Ela vê o mundo com o encanto de um filhotinho que nunca foi escorraçado nem preso a uma corrente.

O rei cutuca a caixa da bola de croqué com o dedo do pé.

— Esquecer não a faz mais forte. Você é que é forte. Pois você se lembra e mesmo assim segue em frente. É isso que a tornará uma regente maravilhosa um dia, assim como sua mãe: solidária e compreensiva.

O punho da Vermelha aperta a fita com mais força.

— As emoções nascem da fraqueza. Não quero nada com elas.

— Como? — A voz severa de seu pai a assusta. — Você desrespeitaria a memória de sua mãe? Tudo por causa de uma pontada de ciúme?

A Vermelha cerra os dentes, sentindo o olhar da mãe sobre si, mesmo ela estando muito longe — uma rosa cristalina dentro do jardim das almas.

O rei estreita os olhos por baixo da sombra da coroa.

— Você tem a mesma qualidade sombria de toda a linhagem real Vermelha. Sua mãe foi a primeira que aprendeu a equilibrar a loucura e a sabedoria. Não renegue esse legado. Permita que ela se orgulhe de você. — Ele estende a mão.

Lágrimas invadem os olhos da Vermelha e ela larga a fita de sussurros na mão dele, uma promessa velada de honrar a memória da mãe, de nunca esquecer seu exemplo.

Meus ossos se agitam e a cabeça dói quando sou novamente jogada na espreguiçadeira, e em seguida atirada outra vez de volta à tela para a lembrança final.

A Vermelha está ajoelhada ao lado de uma roseira, inalando seu doce perfume. Os botões são de um vermelho profundo, parecendo poças de sangue fresco em meio ao brilho quase artificial das folhas azul-petróleo. Ela plantou a roseira no pátio como um tributo ao seu pai, depois que ele morreu. Ela anseia pelo espírito dele. Gostaria que ele estivesse aqui, e não aprisionado no jardim das almas, embora fique confortada em saber que ele finalmente se reuniu à sua mãe.

— *Eu deveria estar com vocês dois no cemitério — ela murmura às rosas. — Agora que minha vida está acabada. — Ela gira um frasco que tem na mão, revelando o rótulo: Poção do Esquecimento.*

*Seus ombros cedem quando, ao longe, ouve o riso alto da meia-irmã acompanhado pelas gargalhadas do esposo da Vermelha. A Vermelha o conheceu uma semana depois que o pai faleceu. Ele tinha um coração bom, como o pai, e provou ser o único homem que poderia lidar com sua raiva, amenizar sua amargura. A força dele era a compaixão, e ele adorava a Vermelha. Mas a rainha ficou obcecada pela ideia de trazer sonhos para o País das Maravilhas e acabou negligenciando seu casamento, sem mesmo se preocupar em dar ao rei os filhos que ele tanto desejava. Em sua ausência, o marido era comumente deixado sozinho com Grenadine.*

*Várias vezes, a Vermelha viu o marido tentar fazer amizade com sua irmã, embora esta sempre o repelisse. Quando o rei da Vermelha voltava para seu lado feito um filhote ferido, a tristeza dele ataçava o ciúme da esposa. Ela fazia a única coisa que podia: roubava as fitas da irmã para mostrar ao marido como Grenadine era bobalhona.*

*Todos os dias, durante meses, toda vez que sua irmã amarrava fitas nos dedos das mãos ou dos pés, a Vermelha, usando magia, as atraía e fazia com que ficassem flutuando no céu. Em breve, elas eclipsaram o sol, como uma nuvem de rubras borboletas cintilantes. O reino ficou imerso na escuridão, mas a Vermelha não se importava. Não tinha vontade de chamar as fitas de volta nem de ouvir os lembretes mundanos e irrelevantes de Grenadine.*

*Para a Vermelha, roubar as fitas tornou-se um jogo de malícia e grande satisfação, até que, finalmente, Grenadine parou de usá-las. E, logo depois, parou de impedir os avanços do Rei Vermelho.*

*Os dois ficavam cada dia mais apaixonados, e a Vermelha testemunhava isso repetidas vezes. Furiosa, ela chamou de volta todas as fitas do céu. Elas se espalharam pelo pátio do castelo em uma torrente de chuva carmim. A Vermelha postou-se em meio às centenas de sussurros que a rodeavam, repetindo as mesmas palavras: Mantenha o marido da Vermelha longe de seu coração. Ela é sua irmã, um amor precioso. Sempre seja fiel à Vermelha.*

*Grenadine vinha lembrando a si mesma, diariamente, de fazer o que era certo, e a Vermelha havia tornado impossível que ela lembrasse. A responsabilidade sobre a falência de seu casamento pesava toda em seus ombros. E a única maneira de a Vermelha sobreviver era ser como Grenadine e esquecer o papel que tivera em tudo isso. Determinou que se lembraria somente das traições dos outros, para que esses erros pudessem endurecer seu coração.*

*Afagando uma pétala de rosa, a Vermelha sussurra uma última vez:*

*— Mãe, Pai, espero que ambos me perdoem, porque a única maneira de perdoar a mim mesma é esquecer. — Em seguida, ela leva o frasco aos lábios.*

A imagem se apaga, a cortina se fecha e o abajur se acende.

Desmoronada na espreguiçadeira, levo as mãos às têmporas até que o martelar dentro do meu crânio se acalme. Quase me engasgo com o cheiro agriço das rosas profundamente gravado em meus sentidos. Finalmente consigo reconhecer o que nunca me permiti admitir: sou descendente da Rainha Vermelha. Ela é uma parte permanente de mim. Agora posso aceitar isso porque sei que ela, um dia, teve coração. Um coração que senti perdas parecidas com as minhas: a ausência de uma mãe que ela adorava; o medo de perder a admiração do pai; o arrependimento por um erro tão monumental que lhe custou o amor de sua vida.

A Vermelha afastou seus momentos mais vulneráveis para não hesitar em sua busca de vingança. Desse modo, ela pôde abandonar-se à crueldade completa sem nenhum remorso.

A empatia espeta minha consciência, mas eu a afasto. Não há lugar para a piedade no campo de batalha... seja ele mágico ou não.

Se eu conseguir conter suas memórias repudiadas por tempo suficiente para reuni-las à sua mente, elas irão contra ela, a encherão de arrependimento. Depois, enquanto ela estiver vulnerável, eu atacarei, e o País das Maravilhas nunca mais precisará temer sua fúria.

Ainda desorientada em meio a um turbilhão de emoções obscuras, coloco-me de pé e aliso a camisola hospitalar. Estou a poucos passos da porta quando ela se abre, revelando papai — com os olhos castanhos iluminados por uma chama ardente.

— Allie, eu me lembro... de tudo.



### *Dilemas em Miniatura*

Papai me conta que seu verdadeiro nome é David Skeffington.

— Interessante — eu digo, enquanto caminhamos pelo corredor. — E eu pensava que daríamos em algo relacionado a Martin Gardner.

Papai franze a testa.

— Quem é esse?

— O cara que escreveu *Alice: Edição Comentada*. Um mago da matemática. — Eu dou de ombros. — Isso só prova quanto mamãe estava envolvida com o País das Maravilhas. Como ela não conseguiu encontrar seu verdadeiro nome, deu a você um que se encaixasse no legado de Lewis Carroll.

— Sem saber que eu já estava encaixado — papai emenda.

— Por quê? Quem são os Skeffingtons? — pergunto.

Ao notar o condutor pendurado na parede, papai não responde.

Eu o ajudo a libertar o besouro que esperneia sem parar.

— O inseto de tapete não estava cooperando muito — explico, soltando a pele emaranhada do meu prisioneiro dos fios e metais.

— Existem outras maneiras de ser persuasivo. — A expressão de papai é séria enquanto ele abaixa o inseto desalinhado até o chão. — Maneiras menos violentas.

Fico calada em sinal de respeito, mas quero dizer que ele não sabe nada sobre como lidar com intraterrenos.

Depois de um pedido de desculpas que ganha uma cautelosa, embora reverente, mesura do condutor e dois pacotes de amendoim de brinde, papai me pega pela mão e vamos juntos para a plataforma do trem de brinquedo. A porta do vagão se fecha atrás de nós com um rangido forte.

Eu bocejo, inalando o aroma de poeira e pó de pedras no frescor do túnel parcamente iluminado. Os sussurros de centenas de insetos se misturam — uma distração que me acalma. As memórias da Vermelha continuam me cutucando, ofuscando minha mente com manchas rubras desconcertantes: seu rosto vermelho quando ela tentava segurar o espírito da mãe, o tremeluzir cor de rubi do cabelo da meia-irmã durante uma difícil aula de croqué, vendo o pai se afastar, e o vermelho cor de sangue das fitas sussurrantes anunciando o erro mais devastador da Vermelha.

*Não posso sentir empatia. Tenho de ser forte.*

Coloco as mãos sobre o estômago, enjoada e tonta. Eu não fazia ideia de que o efeito aderente das memórias seria tão poderoso. Preciso encontrar um modo de controlá-lo.

Papai percebe que esfrego o estômago e estende um pacote de amendoim.

— Você precisa comer.

Jogo alguns amendoins na boca. O sabor salgado e crocante aplaca minha fome, mas não alivia as rajadas de chuva vermelha que inundam minha mente.

— Me diga onde está sua mãe — papai diz abruptamente.

Eu quase me engasgo.

— Me diga que ela não está no mundo do espelho.

Depois de engolir, respondo:

— Ela está no País das Maravilhas.

Ele solta um suspiro de alívio.

— Que bom! Existem criaturas em Qualquer Outro Lugar que nenhum ser humano... — Ele se detém, como se lembrasse que mamãe pode ser tudo, menos humana. — Ela é uma deles. Como aquele rapaz alado que me carregou através do portal. Ela é intraterrena.

— Em parte — eu sussurro. *Eu também sou* fica parado em minha língua, não dito.

— Ela é mais forte do que eu poderia imaginar — ele murmura. — Ela pode proteger o Jeb. Eles têm um ao outro.

Ele está meio certo. Mamãe é forte, e eu tenho de acreditar que ela está sobrevivendo no País das Maravilhas. Se o *Jeb estivesse* com ela, ele estaria mais seguro, também. Ainda não vou contar ao papai que eles não estão juntos. Primeiro, ele precisa digerir tudo o que acaba de saber.

— Eles estão bem. Todos... *os dois* estão bem.

Papai já está tendo de se esforçar muito para entender a lembrança daquele ser alado ajudando mamãe a tirá-lo do jardim das almas no País das Maravilhas. Ele não precisa saber que Morfeu é parte de nossa missão de resgate neste momento. No entanto, depois terei de explicar o imenso papel que Morfeu desempenhou em minha vida desde a infância. Mas nunca poderei confessar o papel que ele planeja desempenhar em meu futuro, pois jurei, pela magia da minha vida, não dizer uma palavra. Nem posso contar a Morfeu que vi o que vai acontecer, mesmo que ele próprio tenha visto.

— O problema é que — eu continuo — a toca do coelho foi soterrada. Todos os portais estão interligados. Então, se a entrada não está funcionando, as saídas também não.

— Foi por isso que você me trouxe aqui para ver minhas memórias. — Papai capta no ar os fios soltos da minha explicação. — Para encontrar outra entrada para o País das Maravilhas.

Tenho medo de contar a ele o estado em que o País das Maravilhas se encontra. E, pior ainda, que eu sou culpada por isso. Que minha inabilidade para usar poderes não cultivados e negligenciados causou toda essa tragédia. E que, para consertá-la, terei de encarar meu maior medo.

Temos muito a conversar antes de eu incluir a Vermelha na história.

— O que aconteceu entre você e o condutor? — Papai muda de assunto, para me alívio. — Por que você o intimidou daquele jeito?

Jogo um amendoim na boca.

— Ele me chamou de mesticinha esquelética — respondo, mastigando. — Achei a minha solução bem criativa. — Minha voz é abafada pelo som de motores e pessoas conversando que chega da ponte através dos dutos de ar.

Papai limpa migalhas da camisa polo da sua loja de artigos esportivos.

— Assim como achou que as mentiras que você e sua mãe inventaram também eram criativas.

*Ai!* Jogo outro punhado de amendoim na boca, desejando que as coisas entre nós voltem a ser como eram antes. É tão estranho que, de alguma forma, as mentiras tenham se tornado a base de nosso relacionamento. Sem elas, nosso vínculo é frágil... precário.

Que vontade eu tenho de abraçá-lo, mas o vácuo entre nós é grande demais.

— Se vamos ajudar sua mãe e o Jeb — papai continua —, preciso de respostas sinceras de você. De toda a verdade. Chega de disfarces.

Analiso os dedos de meus pés descalços, que se contraem a cada passo que damos sobre seixos e pedras quebradas. A sola de meus pés não é a única coisa que parece exposta e frágil.

— Nem sei por onde começar, papai.

Ele franze a testa.

— Não espero respostas imediatas. Temos que encontrar a Estalagem do Humphrey primeiro.

— *Estalagem do Humphrey?* — Quase morde a língua. O único Humphrey que já conheci é a criatura em forma de ovo do País das Maravilhas, também conhecido por Humpty -Dumpty, do romance de Lewis Carroll. — O que é isso?

— É a única pista que tenho para localizar minha família. Eu vivia aqui.

— Aqui, tipo em Londres?

— Aqui, tipo neste mundo. A Estalagem do Humphrey é uma espécie de casa de passagem entre o mundo mágico e o reino mortal. Fica escondida debaixo da terra.

O fato de ele aceitar de imediato um mundo subterrâneo mágico me deixa confusa. Talvez eu esteja errada em achar que ele não está preparado para lidar com intraterrenos. Talvez eu até suspeitasse disso, mas ainda é difícil aceitar quão enraizado o País das Maravilhas se encontra em meu sangue — dos *dois* lados da minha família.

Esse pensamento deflagra outro flash de memórias da Vermelha, e eu cambaleio.

Papai me segura.

— Você está bem?

— É só uma dor de cabeça — respondo quando a sensação vai embora. Vou ter de fazer um esforço concentrado para não pensar em minha tataravó até que possa descobrir uma maneira de reprimir esses episódios. — Você estava me falando sobre a estalagem.

— Sim. Fica em algum lugar de Oxford.

— Sério? Foi lá que Alice Liddell cresceu. E onde ela conheceu Lewis Carroll.

Papai esfrega a barba por fazer.

— De alguma maneira, no passado, os Skeffingtons eram aparentados com os Dodgsons, que era o sobrenome de Carroll antes de ele criar um pseudônimo. Espero obter mais detalhes quando encontrarmos a estalagem.

Não pressiono mais. Nem consigo imaginar a overdose de informação que ele está processando.

A distância, as monarcas que nos deram carona estão penduradas nas paredes dos túneis, batendo as asas lenta e relaxadamente. Os lustres de vaga-lumes refletem seus desenhos em laranja e preto e lembram tigres se esgueirando pelas florestas em um programa sobre a natureza.

As borboletas sussurram: *Nós sabemos o caminho para a Estalagem do*

*Humphrey. Gostaria que os levassem, pequena rainha flor?*

Meus braços ficam completamente arrepiados quando penso em sacolejar no meio de mais uma rajada de vento e chuva. Não é medo. É uma ansiedade eletrizante — como ficar na fila para andar na sua montanha-russa favorita. Os brotos de minhas asas se agitam. O da direita ainda não está totalmente curado. Talvez eu possa soltá-lo enquanto voamos, exercitar as asas sem o perigo de cair.

*Sim, por favor, levem-nos.* Envio a resposta silenciosa para as borboletas.

— Elas estão falando com você? — papai pergunta quando me pega olhando fixamente para elas.

Engulo em seco. É difícil me acostumar a não fingir com alguém para quem menti a vida inteira.

— ã-hã.

Ele me analisa, com a pele quase verde sob a luz tênue. Pergunto-me se ele já se tocou que permitimos que mamãe ficasse trancada em um sanatório por algo que estava realmente acontecendo, e não por uma ilusão.

— As borboletas sabem onde fica a estalagem — eu afirmo.

Papai faz um ruído de insatisfação.

— Quando chegarmos lá, podemos voltar ao nosso tamanho normal, por favor?

— É claro. Eu tenho aqui exatamente do que precisamos. — Dou um tapinha no bolso onde os cogumelos aguardam, surpresa por sentir a caneta do condutor junto deles. Tinha esquecido que ainda estou com ela.

Papai tira a carteira e vasculha entre recibos, dinheiro e fotos. Ele para ao ver um retrato de família que tiramos meses atrás e, com a ponta do dedo trêmulo, percorre a silhueta de mamãe.

— Não acredito no que ela fez por mim — ele murmura, e eu me pergunto se deveria ouvir aquilo, ou se é um momento íntimo. Nunca duvidei da força do amor que papai sentia por ela, mas só recentemente vim a saber como o amor dela por ele era forte.

Estou curiosa para saber quanto ele lembrou, se compreende que ela ia ser rainha antes de conhecê-lo.

O queixo de papai se fecha com força, e ele desliza a foto de volta para seu lugar.

— Não temos a moeda daqui. Vamos ter que usar meus cartões de crédito. Devemos chegar por volta da hora do jantar. Enquanto comemos, vamos discutir as coisas. — Ele parece cansado, mas há anos não o vejo tão alerta. — Vamos planejar nosso próximo passo. Mas é importante ficarmos quietinhos para não chamar atenção. Considerando a profissão da minha família, eles podem ter feito inimigos muito perigosos.

Um nó de apreensão se forma em minha garganta.

— Que profissão?

Ele guarda a carteira no bolso.

— Porteiros. Eles são os guardiões de Qualquer Outro Lugar.

Meus joelhos amolecem.

— *O quê?*

— E chega de falar nisso. Ainda estou processando.

Sua aspereza me magoa. Mas que direito tenho de me sentir magoada? Eu o fiz esperar dezessete anos para saber a verdade sobre mim.

— Tá bom. — Reprimos um pedido de desculpas e analiso minha roupa rasgada. — Não vai ser fácil passarmos despercebidos usando roupas de sanatório. Você vai precisar se trocar também.

— Alguma ideia? — papai pergunta, e em seguida levanta uma mão. — E, antes que diga alguma coisa, não vamos roubar nada do varal de ninguém.

É como se ele tivesse lido minha mente.

— Por que não? Os motivos sempre justificam o crime. — Eu mordo a língua. Esse é o raciocínio de Morfeu, não o meu. É ao mesmo tempo atemorizante e libertador que sua lógica ilógica esteja começando a fazer todo o sentido.

Papai estreita os olhos.

— Me fale que você não acabou de dizer isso.

Controlo o desejo de sustentar meu ponto de vista. Justificar crimes pode ser a lei vigente no reino interior, mas isso não a torna legítima para meu pai neste momento.

— Eu só quis dizer que seria como *tomar emprestado*, se depois nós comprássemos roupas novas e devolvêsemos as outras.

— Muitas manobras. Precisamos de uma solução rápida. Roupas improvisadas.

*Roupas improvisadas.* Queria que Jenara, com seu talento de estilista, estivesse aqui. No mês que passei no sanatório, não pude receber nenhuma visita além de meu pai. Mas Jen mandava mensagens, e papai sempre se encarregava de entregá-las. Ela não me culpou pelo desaparecimento de seu irmão, apesar dos boatos dizendo que eu fazia parte de um culto cujas vítimas tinham sido ele e mamãe. Jen se recusa a acreditar que eu poderia estar envolvida em algo que fizesse mal a eles.

Eu queria merecer essa fé.

Queria que ela estivesse aqui. Ela saberia o que fazer quanto às roupas. Jenara consegue criar roupas com qualquer coisa. Certa vez, para um projeto de

mitologia, ela transformou uma Barbie na Medusa, pintando a boneca de prateado e criando um vestido “de pedra” com uma tira de papel-alumínio e giz branco.

*Bonecas...*

— Ei! — eu grito para o lustre de vaga-lumes mais próximo. — Será que vocês poderiam iluminar um pouquinho aqui, por favor?

Eles percorrem o teto e param bem acima de nossa cabeça, iluminando o que está à nossa volta. Este lugar já foi um corredor que dava em um elevador, onde os passageiros aguardavam para ser levados à cidade depois que desciam do trem. Pais distraídos e crianças descuidadas deixaram para trás brinquedos que são compatíveis com o nosso tamanho: blocos de madeira que poderiam passar por barracões de ferramentas, um catavento que poderia servir de moinho, e alguns elásticos de cabelo maiores do que os arbustos que eu via rolando ao vento nas estradas de Pleasance, no Texas.

Há uma placa acima dos brinquedos. As palavras ACHADOS E PERDIDOS foram riscadas e substituídas por TREM DO PENSAMENTO.

Pouco adiante de alguns livros de ilustrações mofados há uma mala infantil redonda de pé, de modo que a frente está visível. O estilo é retrô — rosa, de vinil estofado, com uma menina de rabo de cavalo parada diante de um avião. Seu vestido desbotado já foi azul um dia. Abaixo do zíper, escrito com letra de criança e marcador preto, lemos: *Loja de Roupas da Emily*. Esparramada no chão ao lado da mala está uma Barbie vintage.

— Roupas de boneca — eu sussurro.

Papai estreita os olhos.

— Precisamos de coisas que sirvam quando ficarmos do tamanho normal, Allie.

— Elas crescem e encolhem com a gente. Faz parte da magia.

Ele olha para seu uniforme rasgado e cheio de lama.

— Ah, certo...

— Vamos. — Pego a mão dele e avanço na direção da mala, controlando-me para não uivar de dor, pois as pedras no chão furam meus pés. Papai se detém por um momento para tirar os sapatos e me ajudar a pisar nelas.

Os sapatos são grandes demais, é claro, mas a ternura do gesto me recorda dos tempos em que eu costumava me equilibrar sobre a ponta dos seus sapatos para que pudéssemos dançar juntos. Eu sorrio. Ele também sorri, e volto a ser sua menininha. Em seguida, sua expressão muda da admiração para o desapontamento, como se ele estivesse continuamente tentando aceitar o que eu sou, o que mamãe é, e todo o tempo que escondemos isso dele.

Meu peito parece encolher. Por que o privamos de uma parte tão grande de

nós? De uma parte integral *dele*?

— Papai, eu sinto...

— Não, Allie. Ainda não estou pronto para ouvir isso. — Sua pálpebra esquerda começa a tremer e ele desvia o olhar, os pés protegidos por meias sondando os escombros com cautela.

Sigo em frente e sinto o ar, dizendo para mim mesma que é a poeira que faz meus olhos lacrimejarem.

Quando chegamos perto da mala de roupas de boneca, ela parece alta como um prédio de dois andares, e o fecho do zíper é do tamanho da minha perna.

— Como vamos abrir essa coisa? — pergunto.

— Tenho uma pergunta melhor: como vamos caber nessas roupas? — Papai aponta a Barbie coberta de poeira. — Você está do tamanho da cabeça dela.

As íris da boneca são pintadas, como se ela estivesse olhando para o outro lado. Com sua maquiagem felina, ela parece estar zombando de mim. Exasperada, enfio as mãos nos bolsos do avental. Meus dedos sentem a caneta do condutor. Mais no fundo, chego aos cogumelos, e uma ideia se forma na minha cabeça.

— Vamos sentá-la apoiada na mala.

Papai me lança um olhar perplexo, mas não tuteia. Ele pega nos ombros da boneca e eu, nos calcanhars. Uma aranha amarelada do tamanho de um cocker spaniel foge correndo, reclamando por termos destruído sua teia. Ela desaparece dentro da pilha de livros. Quando colocamos a Barbie sentada, acomodo-me ao lado dela.

Entrego um cogumelo a papai e devolvo seus sapatos. Em seguida, pego outro cogumelo para mim e dou uma mordida no lado salpicado. Ranjo os dentes ao sentir o desconforto dos nervos se esticando, os ossos se alargando e a pele e cartilagens crescendo. Tudo à minha volta começa a encolher e eu continuo a comer até minha cabeça ficar na altura da cabeça da boneca.

Papai compreende tudo e também morde seu cogumelo até ficarmos ambos grandes o bastante para abrir a mala e vestir as roupas estilo anos 1950 de Ken e de Barbie que escorregam de dentro da mala.

Jogo para o lado calças boca de sino prateadas e um maiô com listras brancas e pretas, descobrindo um collant e uma saia de balé da mesma cor verde-mar dos olhos de Jeb quando ele fica bravo. Exatamente da cor que ficaram quando ele pegou Morfeu aos beijos comigo no meu quarto antes do baile de formatura.

O arrependimento me corrói as entranhas. Todas essas semanas, Jeb ficou pensando que eu o traí. No último momento que passamos juntos no baile, ele pegou o pingente que eu usava no pescoço — um amontoado de metal que um dia já fora minha chave para o País das Maravilhas, seu medalhão em forma de coração e seu anel de noivado — e me beijou. Prometeu que nós ainda estávamos longe de terminar. Mesmo depois de eu ter traído sua confiança, ele

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Qualquer Outro Lugar"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).